

Joaquim Martins de Carvalho

Joaquim Martins de Carvalho nasce em Coimbra, em 19 de novembro de 1822 e aí faleceu em 18 de outubro de 1898.

Órfão muito jovem, o regime de morgadio então vigente determinou que a parte substancial do património familiar fosse encabeçada no filho primogénito, Venceslau Martins de Carvalho. Como filho segundo, fora Joaquim Martins de Carvalho destinado à carreira eclesiástica, ao que ele resistiu.

A sua única instrução formal consistiu na frequência, durante um ano, em 1833, da aula de Latim no Colégio das Artes, então dirigido pelos jesuítas.

Deve-se ao seu abnegado esforço de autodidata, a aquisição de vastíssimos conhecimentos, sobretudo nas áreas da história, bibliografia e arqueologia.

Na sua juventude, exerceu as modestas profissões de empregado comercial e de latoeiro, que lhe valeu o epíteto de “Doutor Latas” ou “Lord Latas”.

Convicto lutador liberal, esteve vários meses preso na cadeia do Limoeiro, em 1847, como membro do Partido popular (“patuleio”) contra o cabralismo.

Depois de libertado, dedicou-se ao jornalismo, essencialmente no *Observador* (1847-1853), a que sucedeu, logo em janeiro de 1854, *O Conimbricense*, de que foi proprietário, diretor e principal redator, até à sua morte, em 1898.

Liberal progressista, foi membro da Maçonaria e da Carbonária Lusitana.

Promotor do associativismo, sobretudo no sentido do progresso económico da região de Coimbra e da defesa das classes laboriosas, nos domínios da instrução e do mutualismo.

Foi membro de diversas instituições científicas, designadamente a Academia das Ciências de Lisboa e o Instituto de Coimbra.

Em vida publicou dois livros, com seleção de artigos e estudos seus saídos em *O Conimbricense: Apontamentos para a História Contemporânea* e *Os Assassinos da Beira*.